

## DEPOIMENTOS PARA A HISTÓRIA

*Luis-Philippe Pereira Leite  
Do Instituto Histórico  
e Geográfico Brasileiro*

No Rio de Janeiro, onde vivia na Avenida Atlântica, em Copacabana, faleceu, no dia 07.03.90, o ilustre militar da cavalaria brasileira, Marechal Joaquim Justino Alves Bastos. Nasceu em Cuiabá, aos 11.09.1899, contava 90 anos de idade, sendo que os primeiros dias viveu às margens do Rio Coxipó do Ouro, na antiga Fábrica de Pólvora, então dirigida pelo seu pai Cap. Celestino Alves Bastos, que chegou a atingir o mais alto posto da carreira militar, exercendo as elevadas funções de Chefe-de-Estado Maior do Exército.

Justino deixou a terra natal aos 7 anos de idade mas já sabia nadar e montar a cavalo, preparando-se, quiçá, para a carreira que ia abraçar no Exército - a cavalaria - na qual se destacou como grande equitador. No seu interessante trabalho "Encontro com o Tempo", ele descreve a comovente passagem da sua infância, quando deixa a cidade do berço a bordo do paquete que o levaria para muito distante e o navio faz a primeira curva e ele entra para o camarote e se põe a chorar, talvez prevendo que somente aos 58 anos retornaria à terra natal com vontade de beijá-la, da qual vivera tanto tempo distante, na sua lembrança e na sua saúde.

Depois que passou para a reserva visitou Cuiabá várias vezes e o fazia quase sempre na companhia do Cel. Enedino Rodrigues Pereira, cuja figura identifiquei numa das suas viagens. Enedino viera a Cuiabá em 1948, como ajudante-de-ordens do Marechal Eurico Gaspar Dutra, então Presidente da República. Era Capitão e servira na FEB e estivemos lado a lado do Presidente na audiência que este concedeu na residência dos governadores, em Cuiabá, e seis engenheiros da comissão mista Brasil-Bolívia. Eu era Procurador Geral da Justiça e fora colocado à disposição do Presidente da República pelo Governador do Estado Arnaldo Estevão de Figueiredo, para os assuntos da Casa Civil, pois o Presidente não trouxera os auxiliares de costume, na sua companhia. A delegação era constituída de 3 engenheiros brasileiros e 3 bolivianos. Na sala, pouco mais distante, estavam sentados os engenheiros Miguel Carmo de Oliveira Melo, José Luis Pinto de Oliveira e Gasparino

Rodrigues, Diretor Presidente e Assessores da C.E.R.-MT, respectivamente. Nós outros nos encontrávamos de pé, no centro da sala improvisada para a audiência, sem carácter protocolar. Na ocasião Enedino e eu admiramos a fala do Presidente e a sua memória que, sem dispor de qualquer agenda discorria com facilidade com o seu conhecido gesto de mãos para trás, sobre as verbas consignadas em 46, 47 e 48 para os trabalhos da comissão mista e, além disso, sobre a previsão para os anos subsequentes. Ele o fazia com muita precisão e conhecimento de causa.

Enedino era filho do conhecido professor Lafayette Rodrigues Pereira, autor de um livro de ciências naturais adotado no meu tempo de Liceu Cuiabano. Ele não estava com o Marechal quando promovia a visita ao Coxipó do Ouro. Organizei a caravana com a minha tia Nilce Valadares que também vivera na Fábrica de Pólvora onde meu avô João Luis Bulhões Valadares trabalhava desde a administração do seu cunhado Carlos Hugueney, a partir de 1873. Minha avó materna sempre lembrava a figura do Cap. Celestino Alves Bastos que deixara excelente recordação na família, transmitida a nós todos. Convidei também Venílio Francisco de Freitas, filho de Coxipó do Ouro e alto funcionário dos Correios e Telégrafos. O motorista era Feliciano Moreira da Costa, filho de Coxipó do Ouro e ex-integrante da FEB e seu pai de criação Manoel João Valadares, este criado pela família dos meus avós e que era neto dos ex-escravos da família vindos em 1872 da Fábrica Estrela na raiz da Serra, do Rio, para conduzir o meu avó e sua irmã Maria Francisca já casada com o pirotécnico belga Carlos Hugueney que vinha assumir a direção da Fábrica de Pólvora após a guerra com o Paraguai. Na ocasião desta visita o Marechal parecia uma criança: subia e descia as ribanceiras do rio sem se cansar exclamando: "era aqui mesmo que descia"... e "a casa do Diretor da Fábrica era neste mesmo lugar, junto ao rio"... Senti-me regamente gratificado de ter-lhe proporcionado aquela alegria rara e levou dali para a mesa do seu escritório, à beira mar, um tijolo daquela construção em completa ruína.

Certa ocasião contou ao Pe. Firmo e a mim a sua participação de 31 de março de 1964. Figura prestigiosa no Exército, ele, por duas vezes, se elegeu presidente do Clube Militar e disputou com o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco a Presidência da República. Os generais, almirantes e brigadeiros queriam a participação dos políticos e Felinto Muller era o político mais em evidência naquele contexto e a sua opinião, de certa maneira, teria prioridade no momento. Entre o Marechal Humberto e o Marechal Justino ele optou pelo primeiro e daí a fixação da escolha. Justino achou que a falta de um contacto mais

estreito com Mato Grosso teria sido a causa de não ter merecido o apoio do político matogrossense.

Foi Marechal Justino Comandante do 3º e 4º Exército, com sede em Porto Alegre e Recife, respectivamente.

Em uma das suas últimas cartas, manifestou-me sua decisão de confiar a sua espada - "velha companheira de tantas lutas" a uma das instituições culturais da sua terra natal. Fiz os contatos devidos e optamos pela Universidade Federal de Mato Grosso. Ele veio especialmente a Cuiabá e, ao recebê-lo, no Aeroporto Marechal Rondon de Várzea Grande, ele portava a espada dentro da respectiva bainha de couro. Na tarde daquele mesmo dia, em breve e seleta reunião no gabinete da reitoria, o reitor magnífico Dr. Gabriel Novis Neves e vice reitor, Dr. Benedito Pedro Dorileo receberam a espada do ilustre Marechal Cuiabano que foi contemplado, na ocasião pela Universidade, com a medalha do sesquicentenário da Independência, que ele orgulhosamente ostentou pela primeira vez quando de sua posse na Academia Matogrossense de Letras, em sucessão ao nosso (querido e saudoso confrade Pe. Vanir Delfino César.

Esses depoimentos ficam para a história.